

A crise da ciência: pós-modernidade e a prática do jornalismo científico em Superinteressante¹

Allan Macedo de Novaes – Centro Universitário Adventista de São Paulo

Resumo

Esta pesquisa pretende identificar na trajetória histórico-editorial da *Superinteressante* mudanças nas matérias de capa da revista e o aumento do interesse editorial pela religião, pelo misticismo e pela pseudociência nos últimos anos. Para tanto, a mudança de pautas e o aumento do interesse pela temática espiritualista são analisadas segundo o enfraquecimento da noção positivista e cientificista da ciência – denominado por muitos teóricos como crise da ciência na pós-modernidade – e podem indicar um novo paradigma na prática do jornalismo científico no Brasil.

Palavras-chave

Jornalismo Científico; *Superinteressante*; Ciência; Pós-modernidade.

Abstract

The science crisis: post-modernity and the practice of scientific journalism in *Superinteressante*

This research intends to identify, in *Superinteressante's* historical-editorial trajectory, changes on the magazine front-cover issues and the increase of editorial interest on religion, mysticism and fake science more recently. To achieve it, the modification on the issues, as well as the increase of interest on spiritualist thematic are analysed according to the weakness of positivism and scientific notions of science – named, by many experts, as the science crisis on post-modernity – and can indicate a new paradigm on the practice of scientific journalism in Brazil.

Key-words

Scientific Journalism; *Superinteressante*; Science; Post-modernity.

La crisis de la ciencia: post modernidad y la práctica del periodismo científico publicada en la revista *Superinteresante*

Resumen

La presente pesquisa pretende identificar, en el trayecto histórico-editorial de la revista brasileña de publicaciones cinéticas, *Superinteresante*, cambios en los reportajes de portada y el aumento del interés editorial por temas relacionados en la religión, en el misticismo y en la pseudo ciencia en los últimos años. Para ello, el cambio de temas periodísticos y el aumento del interés por la temática espiritualista serán analizadas según la flojedad de la noción positivista y cientifista de la ciencia – nombrado por muchos teóricos con la crisis de la ciencia en la pos modernidad – y, sin embargo, indican un nuevo paradigma en la práctica del periodismo científico en Brasil.

Palabras-claves

Periodismo científico; Revista *Superinteresante*; ciencia; post-modernidad.

¹Trabalho apresentado ao Prêmio Intercom 2005 (modalidade Comunicação Científica e Ambiental).

1. Introdução

Um dos grandes desafios do jornalismo em C&T (Ciência & Tecnologia) no Brasil é o fascínio dos veículos especializados em jornalismo científico pela religiosidade, pelo misticismo e pelas chamadas pseudociências. Como principal revista do segmento no Brasil, a *Superinteressante* apresentou, nos últimos anos, inúmeras matérias de capa² com temas voltados para a relação da ciência com o esoterismo e a religião. A ascensão de tais temáticas na *Superinteressante* curiosamente parece coincidir com a época em que a revista consolidou-se como um dos maiores periódicos do país, com dezenas de prêmios ganhos e recordes de vendagem quebrados³. Existe, de fato, um aumento do interesse editorial da *Superinteressante* pela religiosidade e espiritualidade nos últimos anos? Quais são as causas desse fenômeno temático e editorial?

Portanto, os objetivos desta pesquisa são: (1) constatar se realmente há crescimento do número de matérias de capa voltadas à temática religiosa, mística e pseudocientífica no decorrer da trajetória histórico-editorial da *Superinteressante*; (2) identificar e analisar as causas do aumento do interesse editorial da revista pelas temáticas mencionadas, dentro do contexto da crise da ciência na pós-modernidade.

A escolha da revista *Superinteressante* deve-se ao fato de sua expressividade nacional e internacional. Como maior revista do gênero no Brasil, a *Superinteressante* pode colaborar para compreender a prática atual do jornalismo científico brasileiro, indicar suas mais novas tendências e até mesmo apresentar um indicador razoável do perfil e do interesse científico do brasileiro.

A primeira hipótese que orienta esta pesquisa, portanto, é a de que a trajetória histórico-editorial da *Superinteressante* apresenta mudanças nas pautas de capa da revista, que seguem paralelas ao aumento do interesse editorial pela religião, pelo misticismo e pela pseudociência. A segunda hipótese desta pesquisa sugere que as mudanças editoriais da revista são mais bem compreendidas dentro do contexto do enfraquecimento da noção positivista e cientificista da ciência – denominado por muitos teóricos como crise da ciência na pós-modernidade – e assim podem indicar um novo paradigma na prática do jornalismo científico no Brasil.

Este trabalho está dividido em três partes, a saber, (1) a descrição do conceito de crise da ciência na pós-modernidade, com base nos estudos de LYOTARD (1998), KUHN (2000), GRENZ (1997), LEMERT (2000), BELLINO (1998), TERRIN (1996), LIBÂNIO (1998), DORNELES (2003, 2004) e ARANHA e MARTINS (1995) e a breve análise da trajetória histórico-editorial da *Superinteressante*, com base nas informações obtidas no CD-ROM 15 anos da *Super* e nos trabalhos de CARVALHO (1996) e MUTO (1999); (2) a análise freqüencial e temática de capas da revista, tópico no qual se pretende identificar, percentualmente, os temas mais explorados por *Superinteressante* em suas quatro gestões⁴; (3) uma breve análise da relação do leitor de C&T pós-moderno com a *Super* e suas estatísticas de vendagem.

² Algumas delas: “Evangélicos” (fev/2004); “Medicina alternativa” (jan/2004); “São Paulo traiu Jesus” (dez/2003); “Meditação” (out/2003); “Abraão existiu?” (jul/2003); “Paranormalidade existe?” (mar/2003); “A verdadeira história de Jesus” (dez/2002); “Espiritismo” (set/2002); “Bíblia – o que é verdade e o que é lenda” (jul/2002); “Buda” (mar/2002), só para citar algumas.

³ Após 2000, a revista superou, pela primeira vez em sua história, a marca dos 100 mil exemplares vendidos em banca; recebeu o Prêmio Malofiej como a melhor revista do mundo em infografia; por dois anos consecutivos foi considerada como um dos veículos mais admirados do Brasil, segundo pesquisa do jornal especializado Meio & Mensagem; e foi eleita como a segunda revista mais lida do país, perdendo apenas para a *Veja*, segundo o Instituto Pythia Research.

⁴ A pesquisa abarca apenas as quatro primeiras gestões da *Superinteressante*, a saber, a gestão Almyr Gajardoni (1987-1994), Eugênio Bucci (1994-1998), André Singer (1998-2000) e Adriano Silva (2000-2005). Denis Russo Burgierman, atual diretor de redação, não teve sua gestão incluída na pesquisa pelo pouco tempo de atuação.

2. Fundamentação teórica

A valorização das ciências humanas e sociais na pauta da *Superinteressante* e a ascensão da religiosidade e do misticismo no cenário científico-tecnológico do século 21 encontram embasamento nos estudos sobre a pós-modernidade e a sua relação com o conceito de crise da ciência e retorno ao sobrenatural.

2.1. A falência das metanarrativas e a crise da ciência

Para os pós-modernos, toda ideologia, teoria ou crença, na verdade, não passa de um sistema de mitos que preservam e legitimam as relações sociais (GRENZ, 1997, p. 75). LYOTARD (1998) conceituou esses mitos ou grandes narrativas da realidade como metanarrativas. A história da modernidade é entendida pelos pós-modernos como uma constante luta pela supremacia de umas metanarrativas sobre outras – isto é, tentativas de universalização ideológica. Contudo, “a perspectiva histórica pós-moderna requer uma investida contra tudo o que reivindica para si a universalidade – ela requer uma guerra contra a totalidade” (GRENZ, 1997, p. 76).

Diante da ótica totalizante do projeto iluminista e especialmente diante do absolutismo positivista, a ciência assumia ares de verdade incontestável. A união entre ciência e iluminismo estabeleceu a razão como único critério de verdade e a ligação da ciência com o positivismo representou a rejeição dos mitos, da religião, das crenças em geral e da metafísica. Para os pós-modernos, a busca de respostas da ciência pode ser encarada como a luta pela aceitação universal de um ponto de vista da realidade – algo que a pluralidade e relativização pós-moderna não admitem. É por isso que o pós-modernismo é definido como “o colapso do modernismo” (LEMERT, 2000, p. 43) ou como “a incredulidade em relação aos metarrelatos” (LYOTARD, 1998, p. xvi).

GRENZ explica essa condição com propriedade:

O que torna nossa condição “pós-moderna” não se restringe somente ao fato de que as pessoas não se agarram mais aos mitos da modernidade. A perspectiva pós-moderna implica o fim do apelo a qualquer mito legitimador dominante, seja ele qual for. As principais narrativas predominantes não somente perderam sua credibilidade, como também a idéia de uma narrativa grandiosa já não desfruta de crédito algum. Tornamos-nos não apenas cientes de uma pluralidade de histórias legitimadoras de conflitos, como entramos igualmente na era da morte da metanarrativa. Na era pós-moderna, todas as coisas são deslegitimadas (1997, p. 76).

Essa quebra de paradigmas provocada pela falência das metanarrativas atingiu em cheio o saber científico. Reagindo a essa mentalidade, pós-modernos afirmam que a ciência não passa de mais uma metanarrativa, cujo enfraquecimento e relativização são inevitáveis, assim como aconteceu com outras narrativas grandiosas, entre elas, a igualdade comunista, o progresso iluminista, o racismo nazista, entre outros (LYOTARD, 1998; GRENZ, 1997). Explicando Lyotard, LEMERT inclui a ciência entre um dos pilares da mentalidade moderna que se desintegram com a chegada do pós-moderno:

A ciência e outras formas de conhecimento dependem da legitimidade em que a cultura as mantém. A modernidade é, assim, a cultura que acredita em certas metanarrativas ou histórias amplamente partilhadas, sobre o valor e a ‘verdade’ da ciência (...). A pós-modernidade, é uma cultura em que essas metanarrativas são consideradas completamente ilegítimas e, assim, não são universalmente tidas como críveis por completo (2000, p. 61).

De fato, o que ocorre com a ciência na pós-modernidade é uma “necessidade de reavaliação do conceito de ciência⁵, dos critérios de certeza, da relação entre ciência e realidade, da validade dos modelos científicos” (ARANHA e MARTINS, 1995, p. 163).

2.2. A crise da ciência e o retorno ao sobrenatural

Na empenhada tentativa de dessacralizar a compreensão do mundo, a modernidade poderia ser encarada como a luta pela dissociação entre razão e fé, entre ciência e religião (BELLINO, 1998, p. 568 e 571). O positivismo de Augusto Comte representou o esforço máximo da mentalidade moderna para separar o natural do sobrenatural, cujos resultados foram a exaltação da ciência e a rejeição da metafísica⁶ (SIMON, 1986, p. 120).

Curiosamente, a tentativa de diluir e exterminar o sagrado na sociedade moderna acabou por preparar seu reaparecimento de uma forma mais sutil, imanente e não transcendente. Efeitos negativos do progresso científico-tecnológico como “o tipo de urbanização extremamente desumanizante, a monstruosa desigualdade social, a indústria de morte de armas e da droga, a construção de campos de concentração, a confecção e explosão das bombas atômicas sobre o Japão” (LIBÂNIO, 1998, p. 62), entre outros, fizeram com que a humanidade se desiludisse com as promessas da era da razão e da ciência.

A decepção com a ciência impregnou na geração pós-moderna um profundo pessimismo, impulsionando o homem a uma sede desesperada de segurança e certeza, levando a uma “busca generalizada pela transcendência”. É no “vazio deixado pela pretensão científica” que “ressurge todo o tipo de crença e a recorrente busca pelo sobrenatural” (DORNELES, 2003, p. 40 e 46).

A própria ausência de Deus, a descoberta do absurdo que envolve a ciência humana, as interrogações sem resposta sobre as causas primeiras e sobre os fins últimos, a existência do mal e do sofrimento, a presença do acaso e do caos na natureza e nos negócios humanos, depois da queda das pretensões que o cientificismo tinha de responder a todas as nossas perguntas, podem abrir espaço para a invocação, lançar as bases da autêntica experiência religiosa e, ao mesmo tempo, redimensionar as várias formas fundamentalistas e gnósticas da religiosidade e purificar a fé (BELLINO, 1996, p. 578).

Mais do que um enfraquecimento da dicotomia ciência/religião, o retorno do sobrenatural e do sagrado na pós-modernidade não trata apenas de corrigir o enfoque antimetafísico ou anti-sobrenatural da mentalidade científica, mas também renovar a epistemologia da ciência – dar-lhe um novo conceito, uma nova roupagem. Na pós-modernidade a ciência entra em uma fase de abertura ao metafísico (TERRIN, 1996, p.63 e DORNELES, 2003, p. 40).

⁵ Em meio a crise epistemológica científica, o livro *A estrutura das revoluções científicas*, de Thomas KUHN (2000), tornou-se um marco na filosofia da ciência ao definir o saber científico como um paradigma, minando a idéia de que a ciência é uma observação imparcial de dados empíricos, como queria a ótica moderna. Ele acreditava que a ciência não estava ligada ao acúmulo e sobreposição de descobertas científicas mais do que a substituições de paradigmas por meio de processos mutantes e contraditórios do pensamento científico, que ele designou como “revoluções científicas”. O conceito de “revolução científica” enfraqueceu a concepção positivista ao instituir um discurso questionador quanto a validade da própria ciência e do pensamento científico como entendido até então.

⁶ Frente ao positivismo e mesmo à filosofia contemporânea, o termo metafísica é visto de maneira pejorativa, sendo associado à “pretensão de um conhecimento supracientífico e de caráter dogmático” (QUINTANILLA, 1996, p. 200).

2.3. Ascensão das ciências humanas e das pseudociências⁷

A abertura da ciência ao metafísico produziu mudanças na distinção clássica entre ciências naturais (exatas e biológicas) e as ciências humanas e sociais, bem como sua validade na compreensão da realidade. A concepção positivista da ciência defendia legitimidade exclusiva às ciências naturais – o método das ciências da natureza deveria ser estendido a todos os campos da atividade humana (ARANHA e MARTINS, 1995, p. 116).

Entretanto, o mecanicismo e o determinismo da ciência positivista esbarram na complexidade e subjetividade dos fenômenos humanos e sociais. O veto positivista às ciências humanas, isto é, a negação do caráter de cientificidade àquilo que não pertence às ciências naturais, é questionado, entre outros autores, por Abraham MOLES (1995). Para ele, “a ciência tal como a conhecemos não nos fala quase do que é impreciso, do que é flutuante, do que muda e só se repete aproximativamente”, pois prefere “as correlações fortes entre as variáveis ao invés das correlações fracas da vida” (1995, p. 16). Moles contesta essa classificação tradicional e defende a reformulação da noção de ciência dentro do conceito que ele chama de “ciências do impreciso”: um termo genérico para todas as vertentes das ciências humanas e sociais.

Assim, o pós-moderno recorre às ciências do ser humano e, não mais como antes, às ciências matemáticas e físicas para compreender e definir as descobertas científicas. Contudo, essa nova ênfase humanístico-social da ciência, somada ao fenômeno de abertura ao metafísico e ao sobrenatural, é marcada pelo que muitos autores consideram como uma intrusão de práticas místicas e religiosas na ciência. TERRIN (1996) acredita que a ciência está abandonando o suporte positivista e se lançando cada vez mais em direção a uma compreensão espiritual e religiosa da realidade, da natureza, do mundo e do ser humano.

Na prática, o resultado desse fenômeno é o crescimento das terapias e medicinas alternativas, entre outras atividades de origem mística. A expansão da pseudociência, conseqüentemente, penetra não somente na práxis científica, mas também na divulgação da mesma. Wilson Bueno, em artigo para o Portal do Jornalismo Científico (www.jornalismocientifico.com.br), cita a pseudociência como uma das grandes ameaças à prática sadia e ética do jornalismo científico no país.

A disputa entre o conhecimento científico e o pseudocientífico, que costuma respaldar as chamadas terapias/curas alternativas, merece também ser aqui mencionada, especialmente porque a mídia tem dado espaço cada vez mais generoso a elas, favorecendo o incremento do charlatanismo. O universo dos gnomos, dos fluidos mágicos, dos aromas, dos florais e das pirâmides, aproveitando-se da boa-fé das pessoas, mas também das angústias e depressões do cidadão deste novo milênio, não resolvidas pela ciência tradicional, invade os meios de comunicação, criando condições para explicações fantasiosas e a emergência de uma nova era, povoada pelas bruxas e alimentada pela expectativa de milagres (Acessado em 07/11/04).

A pseudociência, portanto, pode ser caracterizada como uma manifestação científica da sociedade que vive o retorno ao sobrenatural; é a faceta mística da ciência na pós-modernidade; é a parte da ciência que se entrega ao irracional, ao metafísico, mas não abandona a roupagem científica e racional e que por esse mesmo motivo satisfaz os anseios do homem pós-moderno que se interessa por C&T.

⁷ Segundo o site *Dicionário do cético* (www.cetico.hpg.ig.com.br), uma versão do original *The Skeptic's Dictionary*, pseudociência é “um conjunto de idéias baseadas em teorias que se apresentam como científicas quando não o são”. As pseudociências geralmente misturam “alegações metafísicas com empíricas”. Alguns exemplos: medicina ayurvédica, acupuntura, alquimia, astrologia, iridologia, grafologia, entre outros.

2.4. Trajetória histórica e editorial da *Superinteressante*

Em sua fase embrionária, o perfil editorial da revista tinha como “cerne do projeto” proporcionar aos leitores “cultura geral” (CARVALHO, 1996, p. 43) e seu planejamento mercadológico previa a publicação de tudo aquilo que fosse “interessante e curioso”, pertencente a “qualquer campo do conhecimento, ciência ou arte, antiguidade ou grandes temas atuais, grandes catástrofes ou maravilhas da natureza, doenças ou grandes descobertas, arqueologia e meteorologia, física e tecnologia, religião e sociologia, alimentação e esportes” (Ibid, p. 48). No entanto, o intuito da revista era que ela fosse reconhecida pela comunidade científica e não corresse o risco de ser rejeitada por cientistas e acadêmicos da área (Ibid, p. 35 e 36).

Dessa forma, a aparente indefinição editorial da revista em seus primeiros números foi substituída pelo que CARVALHO (1996) e MUTO (1999) consideram como uma linha cuja noção de ciência aproximava-se da mentalidade moderna racionalista e mesmo positivista. MUTO afirma que uma das características da revista é a postura “iluminista” e “progressista” com que ela trata a ciência, evitando assuntos delicados ou negativos da mesma (1999, p. 97).

É na gestão Adriano Silva (2000-2005), entretanto, que a revista assiste sua maior mudança até então: a *Superinteressante* parece direcionar sua noção de ciência positivista para uma ciência mais voltada para as humanidades e subjetividades.

Uma das grandes discussões que envolvem a SUPER desde a sua criação é o escopo do termo “ciência”. (...) Muitas pessoas tendem a imaginar que a ciência se circunscreve às ciências exatas. E a achar que as ciências humanas e sociais não merecem muito respeito. Em decorrência disso, há sempre uma expectativa de ver na SUPER apenas matérias calcadas na matemática e na biologia, na objetividade e nos números, nos laboratórios e na visão cartesiana de mundo. Sempre que publicamos matérias sobre áreas mais subjetivas do saber humano, amparadas na cultura e no comportamento, há a impressão de que não estamos falando de ciência. Para nós, essa distinção não faz sentido. Para a SUPER, tudo isso é ciência. História, filosofia, semiótica e psicologia, por exemplo, são objetos de estudo tão instigantes e merecedores de atenção quanto a física ou a química, a alta tecnologia ou a astronomia. Em suma: os pensamentos e os sentimentos nos interessam tanto quanto os neurônios e as células. A aventura humana, contraditória e espetacular, nos encanta tanto quanto os átomos e as moléculas. E isso não torna a SUPER menos científica. Muito ao contrário (“Carta ao leitor” de julho de 2002).

3. Métodos e técnicas

A análise frequencial e temática das capas da revista percorre seus 17 anos de história – de setembro de 1987 até setembro de 2004⁸. A pesquisa consiste em constatar a porcentagem que cada tema de capa representa nas gestões de *Superinteressante*, identificando, assim o predomínio de umas áreas sobre as outras em diferentes períodos da revista.

A identificação dos temas de capa foi dividida em dois grandes grupos: (1) matérias voltadas para as ciências exatas, físicas e biológicas - designadas na pesquisa como “ciências naturais” e (2) matérias voltadas para a área de ciências humanas e sociais, incluindo religião, misticismo, sociedade e cultura - designadas como ciências humanas. Além de serem divididas entre esses dois grandes grupos, as matérias de capa foram classificadas em subdivisões desses grandes grupos, conforme a tabela que se segue:

⁸ Não foram contabilizadas, por questões didáticas, a edição extra de setembro de 2003, assim como a capa dupla de setembro de 2004 foi contada como sendo uma só.

CIÊNCIAS NATURAIS (CN)	CIÊNCIAS HUMANAS (CH)
1. Biologia / Corpo humano	1. História / Filosofia
2. Física	2. Perfil
3. Astronomia	3. Arqueologia / Antropologia
4. Tecnologia	4. Geografia / Demografia
5. Ambiente / Ecologia	5. Misticismo / Esoterismo
6. Medicina / Saúde	6. Medicina alternativa
7. Geologia	7. Religião
8. Zoologia / Paleontologia	8. Comportamento
	9. Atualidades / Polêmicas
	10. Esporte
	11. Cultura Pop ⁹ / Ficção

A escolha dessas subdivisões deve-se aos seguintes fatores: (1) a maneira como a própria *Superinteressante* define as matérias analisadas; (2) a divisão temática sugerida por CARVALHO em seu trabalho sobre a *Superinteressante* e *Globo Ciência* (1996, p. 48-57).

4. Análise freqüencial e temática das capas

Para analisar quais eram os temas mais abordados nas capas da *Superinteressante*, o presente autor realizou um levantamento de todas as capas da revista, de setembro de 1987 até setembro de 2004. As matérias de capa foram classificadas segundo as categorias descritas nas tabelas 1 e 2. Para fins didáticos e melhor interpretação das tabelas à luz do problema de pesquisa e das hipóteses levantadas, relacionou-se o número de capas que cada diretor de redação produziu enquanto atuou na revista pelo número de capas que cada tema definido possuía ao longo da gestão do diretor de redação. Assim, obteve-se uma porcentagem da representatividade do tema de acordo com o período de gestão. A tabela 1 traz o número de capas produzidas por gestão e a tabela 2 traz os mesmos dados de forma percentual. Os dados da segunda tabela são a base para todos os gráficos e demais tabelas apresentadas nesta pesquisa.

⁹ Cultura pop é definida nesta pesquisa como “arte de massa”, “serial, reproduzida em jornais, pôsteres, histórias em quadrinhos, programas de TV” (PIZA, 2003, p. 54). Nesta pesquisa esse termo indica, em geral, associação das matérias de capa da revista com filmes e outras referências de ficção populares.

TABELA 1

N.º DE TEMAS DE CAPA POR GESTÃO					
	<i>Almyr Gajardoni</i>	<i>Eugênio Bucci</i>	<i>André Singer</i>	<i>Adriano Silva</i>	
TEMAS	N.º de Capas	N.º de Capas	N.º de Capas	N.º de Capas	
CN	Biologia/Corpo Humano	6	5	2	1
	Física	7	1	0	0
	Astronomia	9	2	0	0
	Tecnologia	14	9	3	0
	Ambiente/Ecologia	9	2	0	1
	Medicina/Saúde	7	8	5	11
	Geologia	1	1	0	0
	Zoologia	10	5	5	0
CH	História/Filosofia	2	5	3	3
	Perfil	2	0	0	0
	Arqueologia/Antropologia	2	4	1	0
	Geografia/Demografia	2	0	0	0
	Misticismo/Esoterismo	2	1	1	1
	Medicina Alternativa	1	0	1	4
	Religião	0	3	0	9
	Comportamento	0	1	1	7
	Atualidades/ Polêmicas	2	2	0	5
	Esporte	3	1	0	0
	Cultura pop/Ficção	1	1	0	9
TOTAL CN	63	33	15	13	
TOTAL CH	17	18	7	38	
TOTAL DE CAPAS	80	51	22	51	

TABELA 2

TEMAS DE CAPA POR GESTÃO					
	<i>Almyr Gajardoni</i>	<i>Eugênio Bucci</i>	<i>André Singer</i>	<i>Adriano Silva</i>	
TEMAS	Nº de Capas	Nº de Capas	Nº de Capas	Nº de Capas	
CN	Biologia/Corpo Humano	8%	10%	9%	2%
	Física	9%	2%	0%	0%
	Astronomia	11%	4%	0%	0%
	Tecnologia	18%	18%	14%	0%
	Ambiente/Ecologia	11%	4%	0%	2%
	Medicina/Saúde	9%	16%	23%	22%
	Geologia	1%	2%	0%	0%
	Zoologia	13%	10%	23%	0%
CH	História/Filosofia	3%	10%	14%	6%
	Perfil	3%	0%	0%	0%
	Arqueologia/Antropologia	3%	8%	5%	0%
	Geografia/Demografia	3%	0%	0%	0%
	Misticismo/Esoterismo	3%	2%	5%	2%
	Medicina Alternativa	1%	0%	5%	8%
	Religião	0%	6%	0%	18%
	Comportamento	0%	2%	5%	14%
	Atualidades/ Polêmicas	3%	4%	0%	10%
	Esporte	4%	2%	0%	0%
	Cultura pop/Ficção	1%	2%	0%	18%
	% CAPAS CN	79%	65%	68%	25%
	% CAPAS CH	21%	35%	32%	75%

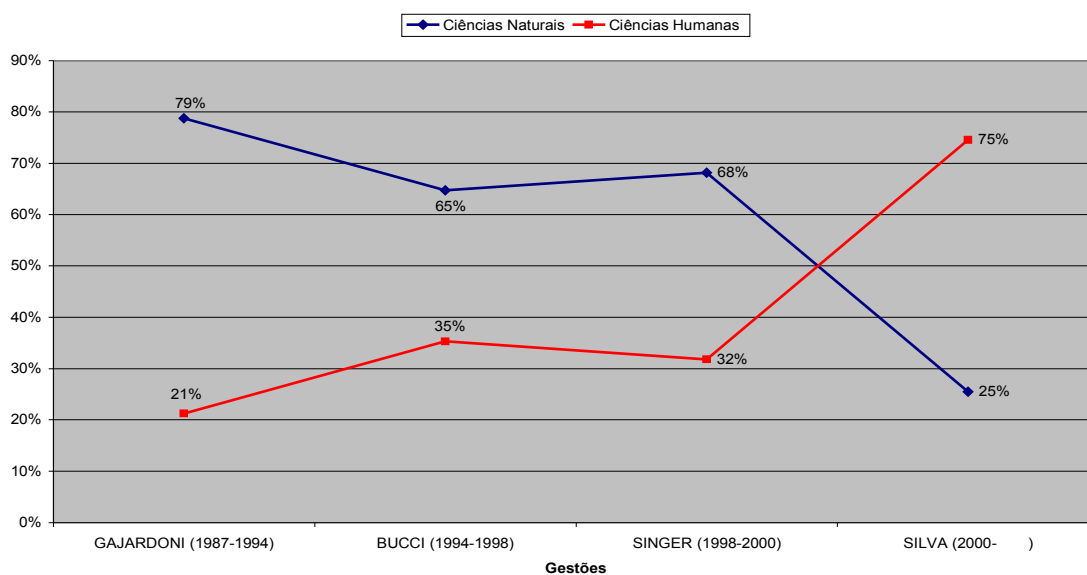
Os dados das tabelas 1 e 2 apontam para o seguinte fenômeno editorial: a transição de predomínio das ciências naturais para as ciências humanas nas matérias de capa da revista. Enquanto na primeira gestão da *Super*, 18% das capas produzidas pela revista tratam sobre “Tecnologia”, classificada como ciência natural, “Esporte” ocupa apenas 4% das capas da revista nesse período, sendo a temática de ciências humanas mais expressiva.

As duas gestões seguintes, porém, apresentam mudanças consideráveis. Apesar dos temas ligados a ciências naturais ainda dominarem as matérias de capa da revista, “História/Filosofia” surge como indicativo do crescimento do número de capas da *Super* que versam sobre ciências humanas: na gestão Singer e Bucci, esta categoria representa, respectivamente, 10% e 14% das matérias de capa.

É, no entanto, na gestão de Silva que a transição ocorre de fato: “Medicina/Saúde” (22%), “Biologia/Corpo Humano” (2%) e “Ambiente/Ecologia” (2%) são os únicos temas abordados nas capas da *Super* nessa gestão. Já as temáticas voltadas para as ciências humanas dominam a cena: “Cultura pop/Ficção” e “Religião” (18%) são, respectivamente, o segundo e terceiro tema mais explorado nas capas da revista, seguidos por “Comportamento” (14%), “Atualidades/Questões polêmicas” (10%), “Medicina alternativa” (8%), “História/Filosofia” (6%), entre outros.

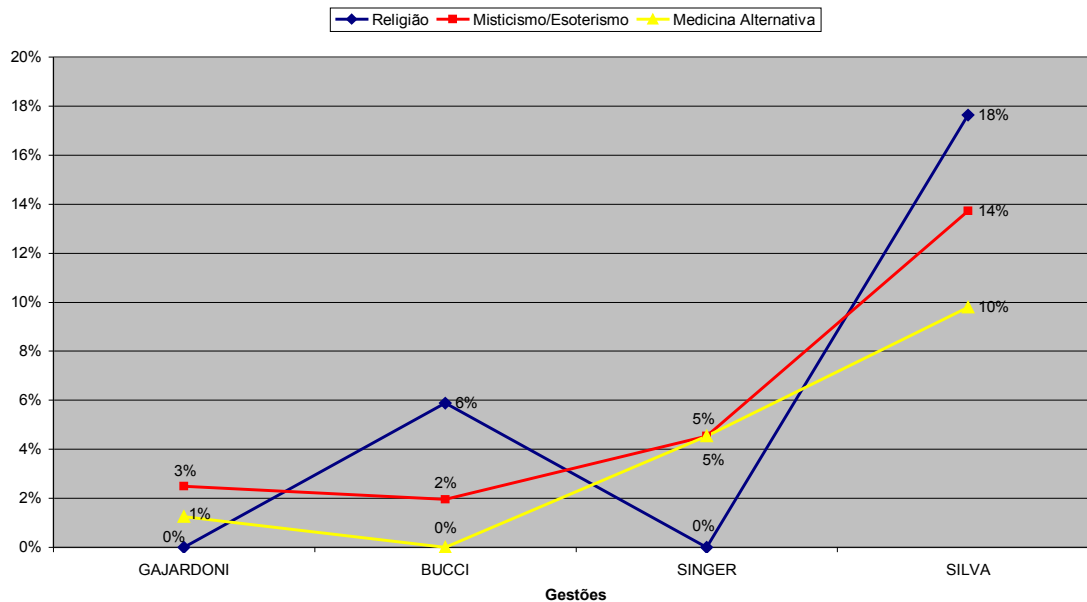
O gráfico abaixo exhibe a transição de predomínio temático nas capas da revista de maneira mais clara.

GRÁFICO 5 - Comparação CN x CH



Curiosamente, a passagem da predominância das ciências naturais para as ciências humanas nas capas da *Superinteressante* foi seguida por outro fenômeno: a ascensão editorial da temática religiosa, mística e pseudocientífica. Conforme o gráfico abaixo, os três temas apresentam um aumento na frequência com que são abordados nas capas da revista e a ascensão das temáticas espiritualistas.

GRÁFICO 7 - Trajetória Cronológica



Percebe-se, portanto, que a análise frequencial e temática das capas da *Superinteressante* em suas quatro gestões revelou uma queda da presença de temas voltados para as ciências naturais e o aumento da presença da temática religiosa, mística e pseudocientífica na revista. O gráfico mostra que as ciências humanas, que representavam apenas 21% dos temas de capas contra 79% de temas de ciências naturais no início da revista, crescem até ocupar uma porcentagem praticamente equivalente a ocupada pelas ciências naturais. E os temas “Religião”, “Misticismo” e “Pseudociência”, que na primeira gestão representavam juntas apenas 3% das matérias

de capa da revista, na última gestão analisada, os mesmos temas, somados, correspondiam a 42% das matérias de capa produzidas.

5. *Superinteressante* e o leitor pós-moderno

De fato, as mudanças da *Superinteressante* analisadas até aqui – enfraquecimento da noção positivista da ciência, a predominância das ciências humanas sobre as naturais e a ascensão da temática religiosa e mística nas capas – estão submetidas à relação da revista com o leitor. É a aceitação e aprovação do leitor que abaliza e impulsiona as mudanças editoriais que a revista sofreu durante sua história. Na verdade, a revista apresenta mudanças editoriais na pós-modernidade porque lida com leitores pós-modernos – e tenta satisfazer suas expectativas, desejos e interesses.

E se há algo que pode representar a reação do leitor diante dos temas e pautas escolhidos pela revista é, obviamente, a vendagem. De acordo com os editoriais da *Superinteressante* de fevereiro e novembro de 2001, dezembro de 2002 e do e-mail enviado por Adriano Silva ao presente autor em maio de 2004, as sete revistas mais vendidas da história¹⁰ da *Superinteressante* e seus respectivos números de exemplares vendidos são:

1. *A verdadeira história de Jesus* (dezembro/2002): 185 000
2. *Bíblia – o que é verdade e o que é lenda* (julho/2002): 132 900
3. *Matrix – a realidade é uma ilusão?* (maio/2003): 129 900
4. *Dalai Lama* (agosto/2001): 129 500
5. *O fim do câncer* (janeiro/2001): 127 800
6. *Quem matou Jesus?* (abril/2004): 126 000
7. *Hitler – como ele pôde acontecer?* (novembro/2003): 123 900

A aceitação do público pelas temáticas humanas, em especial das religiosas, místicas e pseudocientíficas é notada pela lista das revistas mais vendidas: com exceção de “O fim do câncer”, todas as outras seis capas tratam sobre temas das ciências humanas e sociais. E dessas seis capas, incluindo as duas de maior vendagem em toda a história do periódico, quatro pertencem a temática “Religião”.

A ascensão das humanidades e da temática religiosa e mística também pode ser observada na criação dos novos selos da *Super*, que buscam satisfazer de maneira mais específica os interesses do leitor de C&T pós-moderno. Para abordar temas como curiosidade científicas, religião, cultura pop, entre outros, foram criadas as revistas *Mundo Estranho*, *Vida Simples*, *Revista das Religiões*, *Aventuras na História* e *Flashback*.

Curiosamente, a marca *Super* lançou também dois novos selos que parecem indicar um resgate às ciências naturais na pauta e mesmo do conceito mais cientificista da ciência. São eles: *Mundo Animal* e *Sapiens*. Essa última, nas palavras de Adriano Silva, na “Carta ao leitor” de agosto de 2004, é “a revista para quem ama a ciência, para quem tem saudade dos primórdios da SUPER”.

6. Conclusão

A análise frequencial e temática de capas, portanto, comprova a primeira hipótese levantada por esta pesquisa: a de que a trajetória histórica da *Super* apresentaria uma transição das ciências naturais para as humanas nas pautas da revista. Esse direcionamento de ênfase das ciências reflete a influência das mudanças geradas pela abertura científica ao metafísico e ao sobrenatural, produzidas pela crise da ciência como metanarrativa segundo a ótica do pós-modernismo. A predominância das ciências do homem sobre as ciências da natureza nas capas da revista representa um

¹⁰ Classificação válida da edição de setembro de 1987 a edição de maio de 2004.

enfraquecimento do conceito positivista e cientificista da ciência, assimilando uma ênfase mais humanístico-social do conceito científico, próximo da noção de ciência apresentada por KUHN (2000), MOLES (1995) e outros citados neste trabalho.

De igual modo, o aumento da presença do religioso e do místico nas capas da *Superinteressante* nos últimos anos atesta a favor da descrição de TERRIN (1996), LIBÂNIO (1998) e BELLINO (1996), entre outros, sobre o retorno do sobrenatural na pós-modernidade – o que caracteriza a comprovação da segunda hipótese da pesquisa. A combinação entre a crise da ciência convencional e a abertura ao transcendente fortaleceu a “misticização” da ciência em *Superinteressante*, o que explica a ascensão das pseudociências na revista.

Em seu início, *Superinteressante* concentrou-se em focar temas e notícias que favoreciam uma imagem positivista e triunfalista da ciência, com pouco espaço para as humanidades, o metafísico, o sobrenatural. Mas à medida que a linha editorial da *Super* flerta com a noção de ciência na pós-modernidade e as expectativas do leitor pós-moderno, a postura editorial da revista diante da ciência se altera. Distanciando-se da visão absoluta do iluminismo e do positivismo, *Superinteressante* aborda a ciência de maneira mais social, humana, filosófica e relativa, porque é assim que o leitor pós-moderno a vê, a entende e a aceita. É por esse motivo que a *Super* atual apresenta a predominância das humanidades sobre as ciências naturais e ostenta as capas cujos temas são voltados a religião e ao misticismo como os mais bem-sucedidos em termos de vendagem na história do periódico.

Diante de tantas mudanças editoriais, há de se concluir que a nova espécie de divulgação científica da *Super* reflete a nova concepção de ciência da revista. É como se a discussão sobre a epistemologia da ciência convencional, a relativização do método científico e “misticização” da ciência, antes limitada a academia, tivesse alcançado a mentalidade editorial da revista.

A ascensão das ciências humanas sobre as naturais nas capas da *Super* e o aumento das matérias sobre religião, misticismo e pseudociência revelam a mudança da maneira pela qual a revista vê a ciência e, por conseguinte, da maneira como a divulga. Diante desse caldeirão efervescente de ideologias e filosofias que tanto a ciência como leitor estão expostos na pós-modernidade, não é demasiada pretensão afirmar que a ênfase nas ciências humanas e a abertura a sobrenaturalidade fornecem indícios razoáveis do surgimento de um novo perfil da práxis do jornalismo científico no Brasil.

Referências bibliográficas

ARANHA, Maria Lúcia e MARTINS, Maria Helena. **Filosofando: introdução à filosofia**. 2.ed. São Paulo, SP: Editora Moderna, 1995.

BELLINO, Francesco. Filosofia da ciência e religião. In PENZO, Giorgio e GIBELLINI, Rosino (org.), **Deus na filosofia do século XX**. São Paulo: Loyola, 1998, p.567-580.

BUENO. Os novos desafios do jornalismo científico. Site: www.jornalismocientifico.com.br, acessado em 07/11/04.

CARVALHO, Alessandra. **A ciência em revista: um estudo dos casos de *Globo Ciência e Superinteressante***. Dissertação de mestrado. UMESP. São Bernardo do Campo, SP, 1996.

DORNELES, Vanderlei. **Do verbal para o visual: o status da imagem nas revistas semanais de informação**. Dissertação de mestrado. UMESP. São Bernardo do Campo, 2004.

_____. **Cristãos em busca do êxtase**. 2.^a ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2003.

GRENZ, Stanley. **Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1997.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

LEMERT, Charles. **Pós-modernismo não é o que você pensa**. São Paulo: Loyola, 2000.

LIBÂNIO, João Batista. O sagrado na pós-modernidade. In CALIMAN, Cleto (org.), **A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 61-78.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1998.

MOLES, Abraham. **As ciências do impreciso**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

MUTO, Eliza. **Teoria e prática no jornalismo científico: a *Superinteressante***. Trabalho de conclusão de curso. ECA/USP. São Paulo, 1999.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo, SP: Contexto, 2003.

QUINTANILLA, Miguel Angel. **Breve dicionário filosófico**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1996.

SIMON, Maria Célia. O positivismo de Comte. In REZENDE, Antonio(org.), **Curso de filosofia**. 6.^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/SEAF, 1986. p. 120-132.

Superinteressante. Edições 1 a 177 (CD-ROM 15 anos. 6 Cds), edições 178 a 205 e edição extra (set/2002).

TERRIN, Aldo. **Nova Era: a religiosidade do pós-moderno**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.